

SEGUNDO DIRECTOR NACIONAL DA SAÚDE País regista progressos no tratamento de HIV/sida

MOÇAMBIQUE
deu passos
significativos no
tratamento de HIV/
sida, facto que
se substancia no
rápido aumento do
número de doentes
com acesso aos
medicamentos em
muitas unidades
sanitárias do país,
proferiu o director
nacional da Saúde
Pública, Francisco
Mbofana.



O director nacional, que falava na esteira de um encontro de reflexão sobre o estigma em pessoas vivendo com HIV e a influência do fenómeno no processo de tratamento, disse, a título de exemplo, que em 2003/4 o país aderiu aos medicamentos anti-retrovirais com sete mil pessoas, contra os actuais mais de 800 mil.

Estima-se em 1.500.000, número de moçambicanos infectado por HIV em todo o país. Deste universo, apenas 50 por cento é que estão em tratamento. O facto, segundo Mbofana, não inibe o alcance das metas estabelecidas pelo Governo de controlar esta epidemia até 2030.

Outro desafio perseguido pelo Executivo é conseguir que, até

2020, 90 por cento das pessoas infectadas conheçam o seu estado serológico, tenham acesso ao tratamento e com supressão viral, o que significa que o vírus não seja detectável numa análise de sangue do indivíduo em tratamento.

Entretanto, o problema ainda continua e os números não param de aumentar mesmo com acesso ao tratamento. Sobre se tal situação não contraria o desejo de alcance das metas propostas pelo Governo, Francisco Mbofana afasta tal hipótese.

Reconhece, contudo, a gravidade do problema e apela à cautela na interpretação dos números colocados à disposição.

"O problema do HIV ainda continua sério, mas estamos a trabalhar com o país, Governo, parceiros e

sociedade civil, para o alcance das metas que visam alcançar o fim da epidemia até 2030", disse.

A fonte explica que, uma vez iniciado o tratamento anti-retroviral, o paciente tem uma vida de qualidade e longa. Como o medicamento não elimina a doença, ele será sempre contado entre os que vão tendo a patologia e entram para o tratamento.

"Na interpretação dos números devemos ter muito cuidado, porque a sida é uma doença crónica. Ela não passa com o início do tratamento e os doentes serão sempre contados", disse.

Sobre a influência do estigma, o director nacional disse ser um desafio muito grande e, por isso, a ideia é fazer com que as unidades sanitárias sejam um lugar ideal para os doentes

encontrarem o tratamento que necessitam.

"O estigma pode ser uma grande barreira para aqueles que já confirmaram a doença e, por medo da exposição, não iniciam a medicação", proferiu.

Mbofana disse que Moçambique gasta muito pelo HIV/sida anualmente. Sem quantificar, adiantou que há muito dinheiro envolvido não só por via do Governo, como também dos parceiros comprometidos com a causa. "Só o que se gasta em infra-estruturas apropriadas e recursos humanos à altura é muito", expressou.

Felizmente, refere, os medicamentos já são baratos comparativamente aos usados no passado e, sobretudo, são cada vez mais fiáveis.